

DA FLOR DO LÁCIO DE BILAC AO NÉCTAR DA LÍNGUA EM BOJUNGA

Sônia de Almeida Barbosa Grund (UNIGRANRIO)

soniagrund@uol.com.br

Idemburgo Pereira Frazão Félix (UNIGRANRIO)

idfrazao@uol.com.br

RESUMO:

O artigo em questão tem como propósito debater acerca da escrita de Olavo Bilac e Lygia Bojunga, enfatizando os seguintes pontos: 1º) A arte com o léxico português, objetivando enaltecer a língua portuguesa que, em Bilac, é exemplificada com o poema “Língua Portuguesa”, obra pela qual, o poeta institui um eu poético em diálogo com o próprio idioma, corporificando-o, apresentando-o como algo belo e complexo, através da diversidade fonética, regras gramaticais e exceções linguísticas. A análise do poema supracitado será correlacionada à escrita de Lygia Bojunga em ““O Rio e Eu””, livro, por meio do qual, a autora introduz um eu narrativo em interação com o próprio Rio de Janeiro. Este é personificado e, desta forma, é elemento imprescindível para que Bojunga ilustre sua mestria no trabalho morfossemântico da língua portuguesa. 2º) O papel da urbanização carioca na visão de Bilac e Bojunga. A pretensão, com esse segundo ponto, é destacar a representatividade e não representatividade de um e outro autor, conforme suas memórias geográficas ou afetivas do lugar em que se vê, de fato, pertencente. Serão, pois, utilizados estudos de Marc Auge (*Não Lugares*) e Yi-Fu Tuan (*Espaço e Lugar: Perspectiva da Experiência*) além de crônicas, de Bilac, e ““O Rio e Eu””, de Bojunga. Por fim, o mérito do presente artigo é ilustrar como os dois autores dão vida à língua portuguesa, contextualizando-a com a história e com a realidade vivida por ambos.

Palavras-chave:

Léxico. Literatura. Lugar: memória e urbanismo carioca.

1. *Introdução:*

O presente artigo consiste em verificar o trabalho lexical da língua portuguesa, pelo viés semântico, na poesia e nas crônicas de Olavo Bilac e, posteriormente, no livro “O Rio e Eu”, de Lygia Bojunga.

Embora os citados autores sejam de épocas distantes, é preponderante exaltar a riqueza lexical que ambos exercem em seus escritos.

Em “O Rio e Eu”, Bojunga, apesar de ser uma narrativa, recebe uma voz poética, ou seja, não há versos, no entanto, há melodia, expressividade de sentimentos do eu narrativo, semelhantemente, ao eu poético de “Língua Portuguesa”, de Bilac.

Em “Língua Portuguesa”, Bilac canta o idioma pátrio, a raiz do Brasil, a identidade do povo brasileiro ao conhecer a diversidade fonética e semânticas da língua-mãe.

Nas crônicas de Bilac, há uma demonstração de apego ao Rio de Janeiro, uma visão de avanço, desejo de futuro. O poeta almeja ver o Rio de Janeiro no mesmo patamar de Buenos Aires, nos anos iniciais de 1900 ou, pelo menos, melhor que a cidade de São Paulo. Com esse propósito, existe a negação do passado carioca, pois, para que o futuro chegasse ao Rio, era imprescindível o trabalho das picaretas, na destruição de tudo que o poeta julgasse como retrógrado, arcaico. Assim o Rio se aproximaria da modernidade.

Lygia Bojunga também expressa seu amor pelo Rio de Janeiro, entretanto, valoriza o passado. Este é sinal de memória, pertencimento. A autora não nega a modernidade, mas se recente de junto do avanço urbano, chegarem o desmatamento, a poluição sonora dos automóveis e, principalmente, a violência, a ditadura. Estes são males irreparáveis ao Rio de Janeiro.

Enfim, a urbanização do Rio de Janeiro é ponto alto tanto para Olavo Bilac, quanto para Lygia Bojunga, contudo, o mais significativo em ambos os autores é o trabalho com a língua portuguesa.

Por questões didáticas, o artigo em questão se iniciará pela análise do poema “Língua Portuguesa”, de Bilac, como meio de evidenciar a seleção vocabular e semântica do idioma pátrio. Posteriormente, haverá correlação entre as crônicas de Bilac e a narrativa de “O Rio e Eu”, de Bojunga.

Olavo Bilac, poeta parnasiano, contista e crítico literário, será apresentado, neste trabalho, especialmente pela composição de “Língua Portuguesa” e por crônicas acerca da urbanização carioca. De outro lado, Lygia Bojunga, atriz e escritora da contemporaneidade, terá como *corpus* para adiscussão o livro “O Rio e Eu”. O que ambos teriam em comum para que fossem inspiração para a concretização do presente artigo?

Os dois notáveis escritores veem, na língua portuguesa, um verdadeiro jardim: capaz não só de florescer, como também de exalar o mais esplêndido de todos os perfumes: os efeitos de sentido textuais por meio dos trabalhos dos autores com a morfossemântica da língua pátria, fato que tanto encanta seus leitores.

Imprescindível, pois, comentar alguns dos versos do poema su-
pracitado de Bilac para, em seguida, demonstrar o “néctar” em Bojunga:

**Soneto “Língua Portuguesa”
(Olavo Bilac)**

Última flor do Lácio, inculca e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura

A bruta mina entre os cascalhos vela...
Amo-te assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto clangor, lira singela,

Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrolo da saudade e da ternura!
Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!

Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

“Língua Portuguesa” é, como o eu poético disse, “a última Flor do Lácio”. Por essa metáfora, o leitor é convidado a acionar seus conhecimentos e descobrir que se trata da última língua oriunda do Lácio, região da Itália, onde se falava o latim vulgar, ou seja, o latim popular. Para descrever a língua portuguesa, no poema homônimo, o poeta a enaltece com inúmeros paradoxos, como por exemplo: é “inculca e bela”: o primeiro adjetivo clarifica que a língua não partiu dos eruditos ou eclesiásticos: veio do latim falado pelo povo, o que enfatiza a naturalidade da língua portuguesa; o segundo adjetivo reforça o sentido da beleza associada ao aspecto simples e natural da língua.

O idioma português encerra pouco a pouco o latim como língua oficial, por essa questão, é sepultura. Por outro lado, essa mesma a língua é esplendor: brilhante, reluzente e originada de uma língua mundialmente conhecida: o latim.

Essa nova língua, todavia, não remodelada, não destituída da fala de seus usuários populares, é, segundo o eu poético, “ouro nativo”, que a “ganga impura entre os cascalhos vela”, isto é, é resíduo de jazidas, contém riquezas. Esta é a natureza da língua neolatina.

Conforme o eu poético, apesar de a língua portuguesa ter surgido de uma fonte coloquial e rude, ela é o objeto de seu amor. Essa declara-

ção de amor é altamente visível por meio da inserção da segunda pessoa do singular, evidenciando o destino da fala diretamente à língua portuguesa.

Esse fato é notório através da seleção do verbo amar em: **Amo-te** assim, desconhecida e obscura “**Amo-te**, ó rude e doloroso idioma”. A mesma ideia é reiterada, pela colocação do verbo ter na 2ª pessoa singular: “Que **tens** o trom e o silvo da procela”. O que o eu poético sente ou adquire é fornecido pela língua portuguesa, personagem com a qual dialoga.

O amor descrito no poema, em estudo, é tão natural quanto a característica da própria língua, ainda a ser descoberta por outros povos: “desconhecida e obscura”. Este idioma é tudo ao mesmo tempo: tuba de alto clangor, porém lira singela, ou seja, apesar de estridente, forte, pode também ser serena, singela aos nossos ouvidos.

Durante o diálogo do eu poético com a língua portuguesa, em tom de intimidade, por meio do pronome “Tu”, referia a ela: “tens o trom e o silvo da procela”, constata-se a sua rápida expansão e, de forma sibilante, como um assovio que chega a longas distâncias, como o vento ou as ondas que provocam as tempestades marítimas, quer dizer, é a língua que desabrocha pelos descobrimentos portugueses e ganha o mundo.

Essa agitação é “arolo”, ou, em outras palavras, é a forma de manifestar a saudade, a ternura. Assim, a língua portuguesa pode ser desde uma tempestade marítima a uma cantiga de ninar, de acalanto, de calma.

Essa língua, pois é “**viço**”, isto é, é vigor em toda parte, inclusive no “**agreste**”. Com esses termos, o eu poético enfatiza o poder da fonética portuguesa que, por vezes, pode ser estridente e por outras, suave como o som de uma lira. Há inúmeras expressões associadas a diversos sons que a língua portuguesa possui, em sua pronúncia, diária: Trom = som de trovão: sons fortes da língua; silvo = vento: sons sibilantes da língua; arolo = som das pombas: trata-se da diversidade de sons suaves e fortes evoca cheiro.

A sinestesia é extremamente forte no texto em estudo, basta observar a evocação de sons e cheiros, ao dizer “viço agreste”, levando ao leitor a ideia de aroma, beleza rústica.

Ao mencionar as “virgens selvas”, faz alusão ao aspecto enigmático, desconhecido das florestas ainda não exploradas, “a língua é um oceano largo”, isto é, é grandiosa e perigosa, por vezes.

Ao referir-se à língua como “doloroso idioma”, o eu poético alude à dificuldade de se entender as regras e as exceções e ao utilizar “Meu filho”, fica evidente o papel materno da língua Portuguesa.

Enfim, Língua Portuguesa é uma instituição plena de gracejos, obstáculos, sonoridades diversas, diferentes exceções gramaticais, mas é sopro de vida; é a língua mãe, aquela que permite ao poeta escrever em um dos versos “Meu filho”. O idioma português e, portanto, personificação e de longa vida.

2. *Crônicas de Olavo Bilac e a modernidade carioca*

No tocante às crônicas, serão exemplificados fragmentos de duas, no trabalho em questão. A primeira é de 1903 e a segunda de 1904. Em ambas, há alguns termos expostos em negrito para fins de ilustração do trabalho semântico feito por Bilac com a língua portuguesa, a fim de defender a urgência de um processo de reestruturação da cidade carioca.

*Quem viu o **Rio**, há três anos, **maltratado e sujo**, com os seus **taciturnos jardins murados e sem flores**, com as suas **tristes vielas povoadas de cachorros vagabundos**, e quem **agora** o vê, com as novas avenidas em **via de edificação**, com os jardins **viçando, abertos e floridos**, com as ruas **alargadas e enchendo-se de edificações elegantes**, com a variedade de novos tipos de **calçamento adotados**,— reconhece sem dificuldade que, neste curto espaço de tempo, muito mais se fez aqui, do que em S. Paulo num espaço de tempo três ou quatro vezes maior.*

*Os olhos humanos não têm memória vivaz. Os nossos olhos já se não lembram do que eram a Prainha, a rua Treze de Maio, a rua do Sacramento, a praia de Botafogo, — e principalmente do que era a praça da Glória, com aquele **hediondo** mercado, agonia dos meus dias, pesadelo das minhas noites, tortura e tormento da minha vida!*

Daqui a pouco tempo, dentro de dois anos, quando a Avenida Central e a Avenida Beira-Mar estiverem concluídas, quando o Rio de Janeiro se encher de carruagens e de automóveis; quando começarmos a possuir a vida civilizada e elegante que Buenos Aires já há tantos anos possui, também nessa época já nos não lembraremos do era a nossa vida tediosa e vazia. (BILAC, Olavo. Crônica. In: AZETDE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: Gazeta de Notícias, 15 de janeiro de 1903, p. 2)

Pelo exposto nos trechos das crônicas de Bilac, é notável a dicotomia entre passado e presente, no Rio de Janeiro. Para o primeiro tempo, o cronista destaca um mundo de atraso, monotonia. Para o segundo, enfatiza o progresso. Essa afirmação pode ser comprovada pelo uso de tempos verbais, acompanhados dos advérbios de tempo: “Quem **viu** o Rio, **há** três anos” e “quem agora **vê**”, respectivamente. Na visão de Bilac, a

urbanização chega para a capital do Rio de Janeiro como um avanço, capaz de tornar a cidade mais dinâmica, agradável e bonita.

Rio é vista como mais urbanizada, em curto espaço de tempo, em relação a São Paulo. O desejo do desenvolvimento urbanista para o Rio como necessidade é verificada por meio da citação do avanço de Buenos Aires há mais tempo que o Rio.

Em 1904, a urbanização, parece ainda mais viva na cidade carioca. O cronista protagoniza as picaretas, tornando-as verdadeiras músicas para abafar o regresso pelo qual vivia o Rio de Janeiro, na visão bilaqui-ana. Novamente, o autor brinca com os tempos passado e presente. Aquele geme, chora, pois parece doente, prestes a morrer. Este mostra-se imponente, com as picaretas destruindo a cidade colonial e abrindo caminhos para a modernidade. Nada poderá impedir a chegada do novo, do avanço da urbe, afinal, elas eram regeneradoras, transformadoras de uma cidade em aparente ruína em outra repleta de desenvolvimento. Isso é constatado pelo uso dos termos grifados nos exemplos citados a seguir:

*Há poucos dias, as **picaretas**, entoando um hino **jubiloso**, iniciaram os trabalhos de construção da avenida Central, pondo abaixo as primeiras casas condenadas [...].*

*No aluir das paredes, no ruir das pedras, no esfarelar do barro, havia um longo gemido. Era o gemido **soturno** e **lamentoso** do Passado, do Atraso, do Opróbrio. A cidade colonial, **imunda**, **retrógrada**, emperrada nas suas velhas tradições, estava soluçando no **soluçar** daqueles apodrecidos materiais que desabavam. Mas o hino claro das picaretas abafava esse protesto **impotente**.*

*Com que alegria cantavam elas, as picaretas **regeneradoras!*** (BILAC, Olavo. Crônica. In: KOSMOS: Revista Artística, Científica e Literária. Rio de Janeiro, março de 1904, p. 3.)

3. *Lygia Bojunga, pós-moderna, o que pensa sobre a urbanização?*

“Do jeito que o Rio troca tudo, a gente e tem mais é que baratinar: troca nome de rua, troca prédio por praça, troca largo por prédio, troca chafariz de lugar, daqui a pouco vai quere trocar o tipo de Pão, você vai ver, não vai ser mais de açúcar.” (BOJUNGA, Lygia. “O Rio e Eu”. Rio de Janeiro. Casa Lygia Bojunga, 2010, p. 48)

Pela exposição da epígrafe, e notável que o narrador de “O Rio e Eu” vive um momento de constante transformação. Observe-se o termo coloquial “baratinar”, ou seja, o povo assim como uma barata tonta que gira de um lado a outro, fica sem rumo, sem destino: tanto se muda que torna o carioca incerto do que mais pudesse acontecer, receoso de que trocassem até mesmo as características principais do Rio.

A mudança relatada no livro de Bojunga é semelhante a uma invasão de domicílio: alguém que entra sem licença, faz o que quer e depois desaparece, sem um parecer, sem uma consulta prévia aos donos da casa.

Bojunga também expressa seu olhar sobre a urbanização do Rio de Janeiro, no entanto com um aspecto diferente: a afetividade, a experiência adquirida primeiramente pelas histórias acerca das belezas do Rio de Janeiro contadas pela personagem Maria da Anunciação que, a cada dia, revelava a geografia, a linguagem, enfim toda a cultura carioca. Após, o eu narrativo da autora vivencia o Rio maravilhoso, desde as características geográficas até a tranquilidade para usufruir da cidade como o andar pelas praias, o pedalar pelas calçadas e o bate-papo despreocupado pelas ruas do Rio.

Esse direito às tuas ruas sempre sublinhou a sensação de *estar perto de você*. E foi justo por causa desse direito que a gente acabou ficando íntimo: eu te percorria, eu te esmiuçava, andar por você tinha o gosto bom do que é espontâneo, natural. Desvendar uma tua ou outra rua, descobrir um teu outro canto escondido, revisitar um teu bairro distante, andar calçada atrás de calçada num papo bom com um amigo, uma amiga, pausando num banco, numa mureta, num bar, era tão meu de todo-dia que, mesmo andando sozinha numa tua rua vazia, ou mais tarde da noite, eu não me lembro de ter sentido ansiedade nem ameaça, quer dizer, eu não me lembro de ter me sentido *longe de você*. (BOJUNGA, Lygia. “O Rio e Eu”. Rio de Janeiro. Casa Lygia Bojunga, 2010, p. 38)

Com o passar do tempo, a cidade foi modificando: prédios sendo erguidos, a paz desaparecendo, a insegurança, tomando conta do povo e a política, doutrinária, colocando o brasileiro à pressão: “ame-o ou deixe-o”. O carioca tão livre no pensar, no gingar pelas ruas e vielas, cala-se e sofre, física e psicologicamente.

Desmandos, sim senhor! Qualquer chuva te alagava, calçada tua tinha mais buraco que meia de mendigo; tua arquitetura se cobria com grades (até de alumínio!); o tal “ama-me ou deixa-me” botava pra correr os teus poetas e os teus artistas; e você querendo me ver bem quieta e bem conformada. Pô! Que longe que eu me senti de você. (BOJUNGA, Lygia. “O Rio e Eu”. Rio de Janeiro. Casa Lygia Bojunga, 2010, p. 44)

Diante do exposto, torna-se difícil para o eu bojungiiano aplaudir a modernidade da urbe carioca, pois o povo do Rio de Janeiro se vê isolado das ações de segurança, sente-se privado do seu direito de ir e vir, contudo o carioca é apaixonado por sua cidade e por mais sofrimento que haja, por mais fuga do Rio que faça, ao final, retorna à cidade, visto que se trata de uma questão de amor, de representatividade.

Faz tempo que você vem sofrendo o cerco que te apertam em torno dos superdotados. O cerco de todos que te assediam, que te exploram, que te aviltam, degradam, e – quantas vezes! – em nome do encanto que têm por ti.

Tem dias que acho que você vai vencer o cerco, neuras, violências, tudo!

Outros dias, te confesso, acordo menos otimista....

Mas de um jeito ou de outro, você tem sido tão parte de mim, da minha vida, que eu acabo sempre fechando contigo. E cruzando meu dedo pra você dar a volta por cima de tudo que é crise. (BOJUNGA, Lygia. “O Rio e Eu”. Rio de Janeiro. Casa Lygia Bojunga, 2010, p. 85)

Por fim, Bojunga não se opõe a Bilac no que tange à urbanização. Ambos estão corretos, demonstram seus olhares acerca do Rio. O que muda é o foco. Em Bilac, temos o que Augê chama de lugar e não lugar. O locus do poeta e cronista é a urbe em desenvolvimento, em velocidade, preparada para o futuro, altamente belo, produtivo e elegante. O passado é o não lugar para Bilac, pois nele repousa o atraso. Apesar da euforia bilaciana em modernizar o Rio, faltou levar em consideração o lugar da memória, da identidade. Elementos importantes, segundo Auge:

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos (AUGE, 2012, p.73)

Quanto à Bojunga, há o lugar, no sentido destacado por Y-Fu Tuan: o lugar da experiência afetiva:

(...) A própria linguagem revela a íntima conexão entre pessoa, espaço e tempo. Eu estou (...) aqui; aqui e agora. (...) O que acontece então. O então é futuro. “era mais barato então”. O “então” é passado. (...) (TUAN, 1983, p.142)

A narrativa de “O Rio e Eu” evidencia a representatividade através da condição sinestésica: o sentir o cheiro, o gosto, o som das ondas do mar, da fala carioca, da fantasia carnavalesca, do jeitinho de ser de cada um do Rio de Janeiro. Há em Bojunga a valorização da memória afetiva, da condição de pertencimento a um lugar (Rio de Janeiro) eterno:

Lembra o Leblon que era naquele tempo? Edifício baixinho, casa, jardim, e só de vez em quando um prédio mais alto. Não passava muito carro nem muito

ônibus, mas tinha tanta árvore espiando do fundo de cada quintal. (...). Quando eu cheguei na esquina e te vi assim: praia e mar Mas depois de um belo dia (nem belo nem singular), em vez da brisa entrando pela janela, entrou uma bala perdida. Passou zunindo pela minha mesa de escrever e foi se enterrar na parede. (...). Esse barulho que invadiu tua Santa, ou melhor, que nos invadiu, foi se impondo. (...) O barulho foi ficando mais forte.

Que vem chegando pra mais junto.

Que se intromete na casa, no quintal,

Na sequência, na memória, no me sentir mais perto de ti. (BOJUNGA, Lygia. "O Rio e Eu". Rio de Janeiro. Casa Lygia Bojunga, 2010, p. 72-3)

e mais montanha lá do lado vigiando, puxa!, nem deu pra acreditar. Acho que foi nessa hora que me apaixonei de vez por vc. (BOJUNGA, Lygia. "O Rio e Eu". Rio de Janeiro. Casa Lygia Bojunga, 2010, p. 35)

A sua paixão pelo Rio foi tão encantadora que ela não vê as mudanças econômicas, arquitetônicas. Ela sente os grandes prédios como sombra para as casas, para o esconderijo de bandidos que arrancam a tranquilidade do coração carioca. O maior exemplo dessa intranquilidade é o passar de uma bala perdida na mesa de escrita do eu narrativo. Eis o ponto crucial: a insegurança atingindo o coração de um escritor, o seu momento mais íntimo:

Não pensa agora que eu vou puxar uma sessão nostalgia, com saudades do teu bonde, do teu ar não poluído, das tuas ruas calçadas pra gente flunar. Desde que vim viver contigo, você está sempre mudando e eu também (...). Nunca te imaginei parado no tempo. Até porque, desde o meu primeiro dia em Copacabana, o barulho da serra elétrica se intrometeu na tua cantiga do mar; e ano atrás de ano, eu vi teus quintais desaparecendo, tuas casas vindo abaixo, cedendo lugar a prédios cada vez mais altos, de uma mesmice inexpressiva, tão contrária a você. Se levantaram da ruína das casas com uma rapidez espantosa, estreitando teus horizontes, jogando sombra onde antes tinha sol. Era bom quando, de tardinha, a serra parava e eu te ouvia outra vez só mar. (BOJUNGA, Lygia. "O Rio e Eu". Rio de Janeiro. Casa Lygia Bojunga, 2010, p. 38)

O Rio tanto na visão de Bilac, quanto na de Bojunga são de suma relevância, pois não é conveniente para uma cidade se desenvolver apenas em um aspecto. Arquitetura, transporte, economia têm de estar concomitantemente ao lado da segurança, da valorização da cultura. O Rio não é só para alegrar aos olhos, mas também de acalmar o coração. É esse o Rio de Bilac e Bojunga.

4. Considerações finais

Finalizando, é pertinente notar o Rio de Janeiro como um lugar afetivo para a narradora de Lygia Bojunga, uma vez que ela se revela

com familiaridade em relação à cidade supracitada. Há uma personificação da urbe carioca, seja em Santa Teresa, seja no Leblon. Tudo no Rio é vivência, é experimento, é uma mistura de passado, presente e futuro.

Ainda menina, no Rio Grande do Sul, sonha com um futuro no Rio de Janeiro, ou imaginá-lo, por meio das histórias que ouvia da personagem Maria da Anunciação. Ao chegar ao Rio, depara-se com ele e, de imediato, apaixonou-se por ele.

O tempo presente é de paixão; o futuro é de rememoração do passado, saudosismo. Desta forma, a narradora evoca um passado para amenizar o presente em que se encontra, como meio de poder voltar a sonhar com um futuro melhor para o ir e vir do carioca.

Por outro lado, Olavo Bilac tem o Rio de Janeiro como *locus*, porém esse lugar é o de evocação do futuro, através felicidade em ver, no presente em que se encontra, o trabalho das máquinas em preparação da cidade para uma modernidade. O lugar de Bilac, pois, é o da velocidade, do movimento. O saudosismo fica de fora. O escritor, nas crônicas mencionadas, exalta o Rio de Janeiro prestes a viver o seu auge moderno no futuro.

Os dois escritores utilizam as particularidades lexicais, semanticamente, com o propósito de tornarem a língua portuguesa ainda mais viva e bela.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

UGE, Marc, *Não Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. 9. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2012.

BOJUNGA, Lygia. “O Rio e Eu”. Casa Lygia Bojunga, Rio de Janeiro: 2010

TUAN. Y-Fu. *Espaço e Lugar: a Perspectiva da Experiência*. Trad. de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

<http://www.paginasmovimento.com.br/texto-olavo-bilac.html>. *Do Rio Antigo à Cidade Nova: A Reurbanização Carioca nas Crônicas de Olavo Bilac*.